

AS MULHERES E O FUTEBOL NO COTIDIANO ESCOLAR

MACEDO, Ronaldo Contó de

UNISO. Sorocaba-SP. ronaldocm@directnet.com.br

Categoria: Pôster

GT:Gênero, Sexualidade e Educação / n. 23

1- Futebol: Reforçador do imaginário no Cotidiano Escolar

Nesta pesquisa analisamos algumas das posições mais debatidas no mundo dos esportes: o futebol, o imaginário e a cidadania. No momento esportivo, cabe aos jogadores de futebol, das grandes equipes, um papel especial de permitir que se aflorem os sonhos e as buscas ideais de sucesso e riqueza, reforçando um imaginário que rompe com as questões de ordem prática e teórica, mas que nem sempre aportam em lugares alicerçados.

Tal inconsistência, serve de recuo ou desistência da busca do desejo, mas todos os iniciados do futebol alimentam, por muito tempo, essa busca. Alguns de forma mais acirrada, lançam suas vidas nas perseguições da fama. Outros, mais organizados e cautelosos, avançam atentos para uma cultura plural que os garanta espaço de sobrevivência, caso o futebol não aconteça.

Diante deste quadro, analisamos o futebol, dentro da escola, através da fala de nossos interlocutores e da nossa própria fala, cruzando estas histórias de vida e amarrando-as numa teia de conceitos e teorias que possibilitam o entendimento das questões que permeiam o imaginário e o concreto do mundo esportivo.

1.1 – Futebol e sua história

Segundo Carrano (2000), o futebol como conhecemos hoje, surgiu na Inglaterra, onde foi bastante difundido nas escolas da burguesia com o objetivo de a partir desse esporte, controlar os impulsos dos jovens, preparando os futuros líderes e propagando valores.

Existem muitas controvérsias de como surgiu o futebol no Brasil, e de como ele foi divulgado e difundido. A história registra, relatos de que o futebol oficialmente nasceu no Brasil no inverno de 1894, através de Charles Miller, mas também há historiadores que afirmam que já existiam indícios de que o futebol era praticado pelos alunos dos colégios Salesianos, principalmente na cidade de Itú. Um dos relatos, afirma que a divulgação do futebol no seu início foi muito difícil e complicada por se tratar de um jogo nobre, que só

poderia ser jogado pela elite da sociedade, mas já nessa época o futebol já tinha uma relação com a educação.

Após esse período elitizado, o futebol acabou sendo praticado principalmente na várzea, às margens do Rio Tietê. Aos poucos, a “aristocracia” começou a reunir-se para assistir a essas apresentações. Era considerado um esporte barato. Na época utilizava-se bexiga de boi como bola. As regras de fácil entendimento foram de fundamental importância para a rápida difusão do esporte. Nas primeiras décadas do século XX, o futebol já era praticado por muita gente e não era mais exclusividade de uma única classe social.

Dentro desse contexto, o futebol é mais praticado pelo sexo masculino. Mas em meados do século XX a mulher iniciou sua participação e vem aumentando essa sua participação, cada vez mais até os dias atuais, rompendo preconceitos.

Algumas manifestações culturais como o futebol, carnaval, rodeio, festas religiosas, têm o poder de inserir, no mesmo grau de importância, pessoas de diferentes níveis sócio-econômico, favorecendo uma compensação de necessidades mútuas. Durante a realização de uma “pelada” ou de um “racha” no final de semana, por exemplo, permite-se democraticamente a participação de um número variável de participantes, além de poder proporcionar o encontro de todos os níveis sociais, pois numa mesma “pelada” você tem jogando a seu lado dentistas, doutores dos mais variados segmentos, frentista de posto de gasolina, auxiliar de escritório, etc. Nestas ocasiões, existem certas liberdades, para se criar e modificar as regras do jogo, possibilitando a participação de todos. Mesmo em competições oficiais a participação popular ocorre por meio do envolvimento do torcedor, que transforma o local do jogo em uma espécie de templo sagrado, local de convivência comum.

“A educação não é privativa da escola, como é que o professor professora pode fazer uma síntese, de toda a variação cultural do Brasil. A sociedade pode pensar em outros lugares, para que as crianças aprendam outras coisas, que não precisa ser especificamente dentro da escola. Vivemos numa sociedade diferente das demais, o cinema brasileiro trás um excesso de realidade, e o nosso mundo é

extremamente contrastante, é um mundo dos extremos, extrema pobreza e extrema riqueza. Uma discrepância, uns vivem na luz, outros nas trevas. A espetacularização dessa nossa cultura ultrapassa o muro da escola, e tem haver como nosso jeito de ser mais maleável, nós nos narramos dessa forma, todas as culturas são híbridas, só que nós somos mais perceptivos e receptivos que os outros”.(COSTA, M. V. 2005, p. 15).

Os estádios, assim como as missas e os salões de bailes, eram os locais de encontro da sociedade da época. Nas arquibancadas, as moças desfilavam suas melhores roupas e acessórios, vestindo grandes chapéus e usando leques de plumas. Era hábito comum, logo após as partidas, os clubes oferecerem bailes e jantares para os atletas. Normalmente nessas ocasiões exigia-se traje a rigor para os participantes.

O presente estudo adotou a análise de conteúdo qualitativa, que permite deduções, adequando-as ao seu contexto (VIEIRA, 2001). A técnica de “narração” foi utilizada para a coleta dos dados. Esta técnica é recente nos estudos do esporte, tendo sido muito pouco explorada pelos seus pesquisadores, sendo utilizada nas demais áreas das ciências humanas e afins, fato que justifica sua escolha.

A narração, ao utilizar-se da análise do subjetivo, acaba estudando também o social. É impossível separar as características culturais, sociais, tecnológicas e outras presentes nos relatos, do período e da sociedade em que o participante viveu ou vive. Isso possibilita-nos estudar, não só o sujeito, mas também o período e a sociedade em questão (QUEIROZ, 1988 e CIPRIANI, 1988).

Para entendermos melhor o papel da mulher, temos que entender um pouco qual era a situação delas, até a primeira metade do século XX.

O papel das mulheres era o de ser somente dona de casa, poucas foram as que rejeitaram esse rótulo. Mas as duas primeiras décadas do século passado foi marcado por lutas pelos seus direitos no mundo. Muitas foram presas e até assassinadas por lutarem por seus direitos.

Havia uma imagem romântica da mulher. Ela deveria ser feminina, boa mãe de família, recatada. Era comum compará-las com flores, ou como sendo as pérolas da sociedade.

Desde o final do século passado, novos rumos foram tomados. E já era possível identificar a presença da mulher em competições esportivas. Primeiramente, no remo, ciclismo e turfe. Mais, tarde em outras modalidades, como natação, saltos ornamentais, esgrima, tênis, atletismo, voleibol, basquetebol, arco e flecha.

Faltava a mulher romper uma das últimas fronteiras e se envolver no esporte das massas, o “Futebol”. Cabe então uma pergunta: “A mulher pode praticar futebol?”

Os argumentos sobre os quais repousam os cuidados com a prática do futebol pelas mulheres recaem, na maioria das vezes, na justificativa de que esse é um esporte que, além de ser violento, requer um nível apurado de preparação física e técnica. Isto é, é um jogo para “machos”. Sendo assim, pode vir a machucar o corpo da mulher, fundamentalmente no que diz respeito à sua saúde reprodutiva e seu aspecto estético.

Outro argumento contra prática do futebol pelas mulheres é o fato de este as masculinizarem, deixando de lado aquilo que muitas delas prezam: sua feminilidade. Mas, quem estabeleceu essa regra para ser ou não feminina, afinal, o que é ser feminina nos tempos contemporâneos ? Onde as roupas e as atitudes parecem abrandar a demarcação entre o masculino e o feminino ?

A masculinização da mulher mediante a sua participação no universo do futebol só faz algum sentido, se fizermos comparações entre atletas homens e mulheres. E mesmo assim se tomarmos como modelo dominante o atleta masculino e advém não de uma conseqüência, mas sim de um preconceito originado na desigualdade atribuída aos diferentes sexos.

O preconceito da prática do futebol pelas mulheres existe, mas quebrar as barreiras desse preconceito, que está culturalmente instituído é um dos objetivos dessa pesquisa. Pois as mulheres, há muito, estão presentes no futebol. Vão aos estádios, assistem campeonatos, acompanham o noticiário, praticam o esporte, treinam em times, fazem comentários, divulgam notícias, arbitram jogos, são técnicas, compõem as equipes fazendo parte de sua diretoria, etc. Ainda que de forma tímida, se compararmos à participação masculina, mas elas estão presente e lutando cada vez mais por seu espaço no mundo do futebol.

Explicitarei esse estudo com uma foto.....



E falas de minhas alunas:

Gabriela: “O futebol é um esporte que exige grande desempenho dos jogadores, é um jogo em que uma pessoa depende da outra, uma ajuda a outra. No time deve haver boa vontade e boa sintonia entre todos os seus componentes, cada pessoa tem um papel, e ambos os papéis são importantes. Uma boa partida desestressa e deixa a pessoa mais calma; porém o futebol é um esporte violento e exige cuidado de ambas as partes”

Raquel: “Eu acho que o futebol é um esporte dez. Para ser jogado por quem sabe que vai se machucar e por quem não fica irritado por qualquer coisinha, pois se não vira a maior zoeira. Ele como os outros esportes foram feitos para divertir e não estressar, me interessei pelo futebol quando percebi que ele é um esporte legal, que me ajuda a emagrecer e a me divertir com minhas amigas”.

Mariana C., “o futebol é um esporte tipicamente brasileiro que move as pessoas, une as classes sociais, diminui algumas diferenças, aumenta em outras. Um esporte masculino que pode ser jogado por mulheres, mas não profissionalmente (“como uma mulher pode matar a bola no peito”). Essa força do futebol move nações, cria briga e inimizades”.

Thaís, “o futebol é a modalidade esportiva mais presente nas nossas vidas, mesmo que não sejamos praticantes desse esporte, sempre ouvimos falar de jogos e resultados de partidas de futebol. Na verdade o futebol é um “fenômeno”, que tem a capacidade de mudar o humor e o dia de cada pessoa; para o bem ou para o mal”.

Antônia, “é o esporte mais popular do mundo, mais adorado, mais praticado, independente de raça ou cor, idade, sexo ou classe social, todo mundo de alguma forma tem acesso ao futebol. Pois uma meia vira bola, uma rua vira quadra, e o futebol se expande de uma tal forma, que se joga no quintal, na quadra da escola, no clube, no campo, na TV, enfim, todos que conhecem se apaixonam pelo futebol”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, M. **Violência em campo: origens do esporte moderno**. 2ª ed. Ijuí-RS: Unijuí, 2004.

CARRANO, Paulo César Rodrigues (org). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CASTRO, Ruy. **Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COSTA, Marisa Vorraber. A escola tem futuro ? Rio de Janeiro, RJ: Editora DP&A, 2003.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1997.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Tradução Carlos Alberto Medeiros.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, Eduardo, 1940. **Futebol ao sol e a sombra**. - 3. ed. – Porto Alegre: L&PM, 2004. tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito.

LOPES, Alexandre Apolo da Silveira Menezes. **Futsal: metodologia e didática na aprendizagem**. São Paulo: Phorte, 2004.

LOPES, L. P. M; BASTOS, L. C. **Identidades: recortes interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

REIGOTA, M. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

VOSER, Rogério da Cunha. **O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.